

Semíramis Corsi Silva
Rafael Brunhara
Ivan Vieira Neto
Organizadorxs

Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade

Vol. I

**A Presença das Mulheres
na Literatura e na História**

**KU-BABA –
Fábio Vergara Cerqueira**

CERQUEIRA, F. V. *Ku-Baba*. In: SILVA, S. C.; BRUNHARA, R. & VIEIRA NETO, I. **Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História**. Goiânia: Tempestiva, 2021. pp. 243-253.

Esta separata é uma cortesia da Editora Tempestiva. Direitos autorais reservados às autoras e aos autores deste *Compêndio*, bem como o direito de compartilhar este conteúdo em suas redes acadêmicas e sociais. Copyrights reservados à Editora Tempestiva.



Tempestiva

SEPARATA

Editora Tempestiva, 2021
© Todos os direitos reservados.

Capa: Ivan Vieira Neto.

Revisão: Semíramis Corsi Silva.

Edição/diagramação: Ivan Vieira Neto / Wemerson Romualdo.

Imagen de Capa: A Greek Woman. Sir Lawrence Alma-Tadema (1869).

Óleo sobre tela. Imagem de domínio público (Wikimedia Commons).

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira	UFSC
Profa. Dra. Arlete José Mota	UFRJ
Profa. Dra. Camila da Silva Condilo	UnB
Prof. Dr. Carlile Lanzieri Júnior	UFMT
Profa. Dra. Cláudia Beltrão da Rosa	UNIRIO
Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares	UFSC
Prof. Dr. Fernando Mattioli Vieira	UPE/Petrolina
Prof. Dr. Leonardo B. Antunes	UFRGS
Profa. Dra. Liliane Barros de Almeida	PUC Goiás
Prof. Dr. Uiran Gebara da Silva	UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SE471

Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História / Semíramis Corsi Silva, Rafael de C. Matiello Brunhara & Ivan Vieira Neto (org.). - Goiânia: Tempestiva, 2021.

ISBN 978-65-992343-5-4

1. Enciclopédia. 2. Compêndio. 3. Antiguidade. 4. Gênero. 5. História das Mulheres.
I. Silva, Semíramis Corsi. II. Brunhara, Rafael de C. Matiello. III. Vieira Neto, Ivan.

CDD: 930.09[.11]
CDU: 936(093)-055.2

ORGANIZADORES

Semíramis Corsi Silva,
Rafael Brunhara & Ivan Vieira Neto

COMPÊNDIO HISTÓRICO DE MULHERES DA ANTIGUIDADE

VOL. 1: A PRESENÇA DAS MULHERES
NA LITERATURA E NA HISTÓRIA

Prefácio de Pedro Paulo A. Funari

Tempestiva
Goiânia, 2021.



KU-BABA

por Fábio Vergara Cerqueira

Ku-Baba foi uma rainha de Kiš, cidade reino do Norte da Suméria, região mais tarde conhecida como Acádia no último terço do terceiro milênio antes da Era Comum. Reinou durante o Período Dinástico Primitivo III, que transcorreu entre 2500 e 2350 AEC, quando iniciou o Império Acadiano com Sargão. Apesar da possível origem semita, seu nome era sumério: Kug-^dBa-u, daí derivando as variações, Kubau, Ku(g)-Baba e Ku-Baba, onde Ku corresponderia a «sagrado» e ^dequivale a «dingir», desinência suméria (não verbalizada) que na escrita cuneiforme indicava divindade, de modo que Baba se referiria ao nome de uma deusa suméria (padroeira de Girsu, esposa do deus Ningirsu, conhecida como «mulher bonita» ou «mulher bondosa»), e, por ser o nome de uma deusa, Baba deve ser grafado com maiúscula.

É preciso tomar cuidado para se diferenciar a rainha da deusa homônima, cujo culto está bem atestado em contexto hurrita e hitita entre o final do segundo milênio e o primeiro terço do primeiro. J. D. Dawkins (1983, 257) considera a relação entre as duas improvável, por não identificar na documentação ponte cronológica e espacial entre os dois nomes. Outros autores, mais recentemente, acham possível a deusa hurrita, «Senhora de Karkemiš», derivar de uma divinização da própria rainha de Kiš, iniciada talvez pelo filho que a sucedeu.

A historicidade da rainha Ku-Baba foi colocada por muito tempo em xeque. D. O. Edzard (1983, 299) considera-a «uma das mais significativas *mulheres lendárias* da história mesopotâmica» (grifo nosso), circunscrevendo-a ao domínio da lenda, e

não da História. A principal referência a Ku-Baba se encontra na *Lista Real Suméria*, produzida em várias versões entre finais do terceiro e início do segundo milênio, com base em material acadiano. A mais antiga é do Período Ur III (2112–2004), da Renascença Suméria, e tinha o escopo de listar os reis que governaram as cidades sumérias e apontar como o *nam-lugal*, princípio de realeza suprema —de hegemonia de uma cidade e de um rei sobre toda a região—, foi sendo transferido de uma cidade-reino a outra, conforme vontade divina. As diferentes versões convergem quanto à importância da cidade de Kiš, como a primeira a receber a realeza suprema após o período diluviano. Nesta lista, é difícil se verificar a historicidade de boa parte dos soberanos antediluvianos, cujos reinos teriam durado milhares de anos. A duração dos reinos pós-diluvianos é menos longa, mesmo assim, nas primeiras dinastias pode durar mais de uma centena de anos, aspecto lendário inerente às memórias mais recuadas, que não implica a ausência de historicidade destes reis. Segundo versões amoritas menos antigas, entre elas o Prisma de Weld-Blundell —versão mais bem conservada, de c. 1800 AEC, encontrada em Larsa e conservada em Oxford— Ku-Baba teria sido a fundadora e única governante da III Dinastia de Kiš e teria conquistado a supremacia real após ter vencido o reino do Mari, o qual detivera a hegemonia por seis reinados. O Prisma de Oxford, linha 223, relata então que, após essa vitória, «Kug-Bau, a taberneira, que tornou firmes as fundações de Kiš, tornou-se *rei (lugal)*» (grifo nosso), acrescentando que ela teria governado por cem anos. Algum tempo depois, Kiš teria sido derrotada e a realeza tomada pela cidade de Akšak.

Depois de curto período de exercício do *nam-lugal* (supremacia real) por Akšak, o princípio de hegemonia teria retornado a Kiš, para a «Casa de Ku-Baba», em seguida iniciando o reinado de seu filho, que, junto com o neto, teriam governado

ao todo por 31 anos, tempo que corresponderia à IV Dinastia de Kiš. Contudo, as listas neo-sumérias mais antigas, do séc. XXI AEC, não apresentam esta interrupção, apontando a existência de um única dinastia, iniciada pela rainha Ku-Baba — em um reino que, com contagem lendária, teria durado um século — que foi sucedida por seu filho Puzur-Suen e seu neto Urzababa, cujos reinados teriam durado respectivamente 25 e 6 anos, dando lugar, a seguir, ao reinado de Sargão, com capital na vizinha Akkad.

Ao se falar em rainhas, precisamos diferenciar rainhas consortes (esposas reais com título), rainhas regentes (quando o rei falece deixando um sucessor menor de idade e a esposa ou uma irmã exerce a função real como regente, até que o herdeiro alcance a idade para a coroação) e rainhas de direito e de fato, que governam elas mesmas, sozinhas. Em qual caso Ku-Baba se inseriria? No sumério, as rainhas consortes são designadas *ereš*, ou seja, esposa do rei governante. Não é este o termo empregado com relação a Ku-Baba. Na lista real, ela é tratada com o título real de *lugal*, portanto, governante em si. Por essa razão, muitos a têm considerado a primeira mulher governante da história a reinar de modo independente, 500 anos antes de Sobekneferu, faraona do final da XII Dinastia e primeira mulher a comprovadamente governar o Egito.

E como compreender a dimensão histórica do poder de Ku-Baba? Importante recuperar alguns fatos que se depõem da lista. Depois de um período de perda de autonomia de Kiš, ela tem êxito em libertar a cidade do domínio de Uruk, posteriormente recebendo o *nam-lugal* (princípio de hegemonia real sobre a Mesopotâmia), após derrotar o rei Sharrum-iter do Mari, cidade que havia mantido a realeza por seis reinados. Isso indica duas importantes conquistas militares. No entanto, a Lista Real Suméria aponta que em certo momento Kiš foi derrotada por Akšak, que assim teria conquistado supremacia.

Conforme outra fonte importante, a *Crônica da Esagila* (assim chamava-se o templo de Marduk), conhecida como *Crônica Weidner* (ABC 19), a «Casa de Ku-Baba» teria recuperado a realeza. Assim, ao longo de seu reinado, a rainha em certo momento teria precisado disputar o poder regional com Akšak, primeiro sofrendo uma derrota, mas depois revertendo a situação a seu favor. A crônica informa ainda que ela se tornou então «soberana sobre todo o mundo» (no caso, toda a Suméria). Três fatos ainda precisam ser salientados, quanto a seu poderio: primeiro, seu epíteto é o mais longo da lista, o que indica que para os escribas ela era digna de nota; segundo, conforme a lista, ela teria «tornado firmes as fundações de Kiš», de onde se depreende não somente uma boa administração, mas também um reforço das defesas; outro fato a ser ressaltado é a capacidade de uma mulher dar início a uma dinastia e criar as condições para garantir a sucessão por duas gerações. No Egito, três das faraonas conhecidas deram fim às suas dinastias (Sobekneferu da XII Dinastia, Taousert da XIX e Cleópatra VII), a que se associa um estigma de declínio político ou fracasso. Iniciar uma dinastia e ter longo reinado é, portanto, um forte indicador de poder.

A combinação entre a *Crônica da Esagila* e a lista real nos permite interpretar que Ku-Baba teve um governo forte e longo, reinando até idade avançada, quando passou o trono a seu filho. Seguramente não teria governado por 100 anos como quer a lista real, mas é provável que tenha sido um período bem mais longo que o governo dos sucessores, iniciando na juventude e permanecendo por cerca de meio século na função.

Podemos inferir outras questões: quem era Ku-Baba para tornar-se uma rainha e como ascendeu ao poder? A tradução do seu epíteto permite pensar tanto em uma taberneira como em uma cervejeira. O termo taberneira é ambíguo do ponto de vista socioeconômico: pode referir a proprietária do

estabelecimento ou a atendente do bar, garçonete. Por taberna entende-se tanto um local em que se pode comer e beber, quanto uma hospedaria, onde se serve a bebida mais estimada, a cerveja, mas também um lugar que possibilita encontros sexuais, como está bem registrado pela iconografia. A dignidade associada a esta função de taberneira depende de como ela se posiciona frente a estas possibilidades vinculadas à taberna. Se for proprietária ou filha de um casal de proprietários, é uma condição econômica razoável, e não necessariamente mal vista, pois não precisaria fazer o trabalho menos prestigioso. Se for uma atendente, independentemente de prestar ou não serviços sexuais, seria vista como de uma condição inferior.

Quanto à possível identificação com uma cervejeira, vale lembrar que na Mesopotâmia antiga era um ofício frequentemente desempenhado por mulheres, e que, segundo alguns autores, desfrutaria de algum prestígio, dado o sentido sagrado da cerveja e sua associação à deusa Inanna-Ištar. Alguns assíriólogos, como Julia Assante (2002), entendem que a taberneira era uma ocupação feminina respeitável na Mesopotâmia antiga. Carole R. Fontaine (2005, 196), baseada nestes fatores, conclui que Ku-Baba «seria não um tipo de prostituta, mas uma bem-sucedida mulher de negócios com associações divinas». Outros estudiosos, como Jerald Jack Starr (2017) consideram um pouco exagerada esta visão da origem social da rainha como uma mulher de condição social elevada, tendendo a associá-la a setores mais populares ou médios, julgando possível sua acepção como uma filha dos proprietários de uma taberna razoavelmente respeitável e, mesmo que não fosse de uma condição completamente subalterna, sua origem poderia ter despertado identificação popular, o que teria contribuído para sua estabilidade como governante e para seu apreço pelos pôsteros. Vemos dois modelos antagônicos para interpretar sua origem social: uma mulher mais nobre ou burguesa, o que

teria tornado seu casamento real mais aceitável para as elites, ou uma mulher de família mediana ou do povo, o que despertaria ainda mais dúvidas sobre sua ascensão à condição de rainha.

Podemos formular diferentes hipóteses sobre como se tornou rainha, seja ela proprietária ou filha de proprietários de uma taverna, uma garçonete ou uma cervejeira. Pode-se deduzir, na linha de raciocínio de J. J. Starr, que ela ainda jovem se associara à casa governante de Kiš —quando a cidade estava ainda sob domínio do rei Enshakuhanna de Uruk— por meio do casamento não com o rei propriamente, mas com um príncipe, que acaba tornando-se rei (neste casamento ela não seria, no início, necessariamente a esposa principal). Talvez fosse uma jovem muito bela, espécie de Cinderela mesopotâmica, que teria conquistado o príncipe, o qual, falecendo ainda jovem, a teria deixado como rainha, seja na condição de regente, caso este tivesse um sucessor ainda criança, ou, o mais provável, na condição de rainha independente, como viúva de um rei sem herdeiros. Contudo, para a jovem viúva firmar-se no poder era necessário que já tivesse despertado respeitabilidade e aceitação por suas qualidades vinculadas ao universo do poder, marcadamente masculino. Sem dúvida uma mulher excepcional, no sentido de ter rompido as barreiras da falocracia, vista por muitos como a primeira rainha de fato da História. Vale a pena voltarmos à *Crônica da Esagila* (ABC 19) —texto propagandístico do poder de Marduk e da cidade de Babel, que recua a antiguidade da ascendência deste deus na região— a qual apresenta uma explicação para sua ascensão à realeza, legitimada pelo deus Marduk (algo anacrônico para a época de Ku-Baba). Interessa-nos o argumento apresentado para dar legitimidade divina ao exercício do poder real de direito e como rainha independente. O fato teria ocorrido durante o reino de Puzur-Nirah, rei de Akšak, quando «Kubaba deu pão e água ao pescador de água doce do templo

de Marduk, e fez que este oferecesse peixe ao templo do deus», o qual decidiu favorecer a futura rainha de Kiš: «Marduk confiou a Ku-Baba, a taberneira, a soberania sobre todo o mundo». Ficaria por completo descaracterizada a condição de usurpadora do poder que a propaganda acadiana talvez quisesse associar a ela, para colocar assim Sargão como rei legítimo, ao derrubar do trono o rei do Kiš, Urzababa, neto de Ku-Baba. Essa narrativa também geraria maior proximidade da rainha a um princípio divino, compatível com a possibilidade de que o filho dela, Puzur-Suen, tivesse iniciado um culto em sua homenagem, o qual Sargão teria se empenhado em banir, como quer J. J. Starr.

A memória da rainha de Kiš ganha mais tarde componentes místicos, como aponta o «presságio de Ku-Baba», que previa a esterilidade das terras de um reino quando nascia uma criança com genitálias masculinas e femininas, algo que na mentalidade política falocrática das elites assemelharia a uma mulher exercer a função masculina de *lugal*, palavra que não comporta forma feminina (Fontaine 2005, 19). Essa associação pode ser efeito de uma propaganda sargônica que queria caracterizá-la como usurpadora, fracassando porém em apagar da memória que foi uma grande governante. Entretanto, não dispomos de registros iconográficos da rainha, não se podendo deduzir sua imagem do modelo iconográfico conhecido para representar a deusa hitito-hurrita Kubaba, que tem como atributos uma romã, um espelho e um alto *polos* (coroa). Na *web*, erroneamente divulga-se como imagem da rainha de Kiš um relevo hitita da deusa Kubaba.

Ku-Baba tem despertado interesse como símbolo de poder político da mulher, dada a influência feminista sobre o olhar da História hoje, retirando-a aos poucos da invisibilidade a que havia sido condenada pela historiografia moderna e colocando-a no honroso lugar de primeira mulher governante

da História, posto recentemente ameaçado por Pu-abi de Ur, que alguns agora advogam a possibilidade de ter governado como rainha independente um século antes.

Fonte histórica

ABC – Grayson, A. K. 1975. *Assyrian and Babylonian Chronicles*, n. 19 (The Weidner ‘Chronicle’).

Bibliografia geral

ASSANTE, J. 2002. Sex, Magic and the Liminal Body in the Erotic Art and Texts of the Old Babylonian Period. In: PARPOLA, S.; WHITING, R. M. (Eds.) *Sex and Gender in the Ancient Near East*. Helsinki: Neo-Assyrian Text Project, 1, p. 27–52.

CARLY, S. 2020. Kubaba, a Queen Among Kings, *ThoughtCo*, Aug. 26. Disponível em: thoughtco.com/kubaba-a-queen-among-kings-121164. Acesso em 09 dez. 2021.

COTTIER, C. 2021. Queen Kubaba: The Tavern Keeper Who Became the First Female Ruler in History. Some 4,500 years ago, a woman rose to power and reigned over one of the largest civilizations in ancient Mesopotamia, *Discovery*, The Magazine. Disponível em: <https://www.discovermagazine.com/planet-earth/queen-kubaba-the-tavern-keeper-who-became-the-first-female-ruler-in-history>. Acesso em 10 dez. 2021.

EDZARD, D. O. 1983. Ku(g)-Baba. *Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie*, vol. 6, p. 299. Disponível em: <http://publikationen.badw.de/en/rla/index#6674>. Acesso em 10 dez. 2021.

- FONTAINE, C. R. 2005. Visual Metaphors and Proverbs 15:15–20: Some Archaeological Reflections on Gendered Iconography. In: TROXEL, R. L.; FRIEBEL, K. G.; MAGARY, D. R. (Eds.). *Seeking out the Wisdom of the Ancients*. University Park, USA: Penn State University Press, p. 185–202.
- HAWKINS, J. D. 1983. Kubaba A. Philologisch · Kubaba A. Philological. *Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie*, vol. 6, p. 257–259. Disponível em: <http://publikationen.badw.de/en/rla/index#6674>. Acesso em 10 dez. 2021.
- STARR, J. J. Ku-Baba, the first Cinderella. In: *Sumerianshakespeare.com* (blog), 17/09/2016. Disponível em <https://sumerianshakespeare.com/748301/769001.html>. Acesso em 09/12/2021. Acesso em 10 dez. 2021.